



**APONTAMENTOS PARA PENSAR EM POÉTICAS QUEER NEGRAS NO BRASIL  
DA ATUALIDADE**

***NOTAS PARA PENSAR LAS POÉTICAS QUEER NEGRAS EN EL BRASIL ACTUAL***

***NOTES FOR THINKING ABOUT BLACK QUEER POETICS IN BRAZIL TODAY***



Leandro COLLING<sup>1</sup>  
e-mail: colling@ufba.com

**Como referenciar este artigo:**

COLLING, L. Apontamentos para pensar em poéticas queer negras no Brasil da atualidade. **Doxa: Rev. Bras. Psico. e Educ.**, Araraquara, v. 24, n. esp. 1, e023005, 2023. e-ISSN: 2594-8385. DOI: <https://doi.org/10.30715/doxa.v24iesp.1.18188>



| Submetido em: 10/05/2023  
| Revisões requeridas em: 22/06/2023  
| Aprovado em: 22/06/2023  
| Publicado em: 01/08/2023

**Editor:** Prof. Dr. Paulo Rennes Marçal Ribeiro

**Editor Adjunto Executivo:** Prof. Dr. José Anderson Santos Cruz

<sup>1</sup> Universidade Federal da Bahia (UFBA), Salvador – BA – Brasil. Professor permanente do Programa Multidisciplinar de Pós-graduação em Cultura e Sociedade. Doutorado em Comunicação e Cultura Contemporânea (UFBA).

**RESUMO:** O texto enfatiza que nas recentes produções artísticas de pessoas LGBTQIA+ está sendo construída uma indissociabilidade entre sexo, gênero e raça. Essa interseção também está presente nos estudos acadêmicos mais recentes, que promovem um diálogo entre feminismos negros, queer e decoloniais. O objetivo central do texto é proporcionar uma reflexão sobre essas interseccionalidades e fornecer alguns insights para a compreensão das poéticas queer negras contemporâneas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Arte. Ativismo. Feminismos. Interseccionalidade. Poéticas.

**RESUMEN:** El texto argumenta que las recientes producciones artísticas de las personas LGBTQIA+ construyen una inseparabilidad entre sexo - género y raza. Esta intersección también se está produciendo en los estudios académicos más recientes que producen un diálogo entre los feminismos negros, queer y decoloniales. El propósito del texto es reflexionar sobre estas interseccionalidades y producir algunos apuntes para pensar la poética queer negra hoy.

**PALABRAS CLAVE:** Arte. Activismo. Feminismos. Interseccionalidad. Poéticas.

**ABSTRACT:** The text emphasizes that in recent artistic productions by LGBTQIA+ individuals, an indissociability between sex, gender, and race is being constructed. This intersection is also present in the most recent academic studies, which foster a dialogue between black feminism, queer studies, and decolonial perspectives. The central objective of the text is to promote a reflection on these intersectionalities and provide some insights for understanding contemporary black queer poetics.

**KEYWORDS:** Art. Activism. Feminisms. Intersectionality. Poetics.

## Introdução

Nos últimos 15 anos, surgiu no Brasil o que inicialmente denominamos de “cena artista das dissidências sexuais e de gênero” (COLLING, 2019). Em textos anteriores, pesquisadores do Núcleo de Pesquisa e Extensão em Culturas, Gêneros e Sexualidades (NuCuS) da Universidade Federal da Bahia (UFBA) definiram o conceito dessa cena, abordaram algumas das condições que permitiram seu surgimento e estabeleceram diálogos e aprendizados com diversos coletivos e artistas e suas produções.

De forma resumida, conclui-se que essa cena se consolidou no Brasil por várias razões, destacando-se as seguintes: 1) Resposta à onda conservadora e fundamentalista que ganhou força no país por volta de 2011; 2) A força dos movimentos sociais, que conseguiram aumentar significativamente a visibilidade das pessoas LGBTQIA+, especialmente por meio de paradas, mídia e também nas artes; 3) A ampliação do acesso às novas tecnologias e o uso sistemático e estratégico das redes sociais por parte dos artistas; 4) O notável crescimento dos estudos de gênero e sexualidade nas universidades brasileiras, especialmente aqueles situados dentro das perspectivas do feminismo negro, queer e decoloniais, influenciado também pela ampliação geral do acesso ao ensino superior e pelo impacto da existência de uma maior diversidade de estudantes, resultado, por exemplo, das cotas para pessoas negras, indígenas e trans; 5) A proliferação e ampliação de diversas identidades trans, não binárias, bixas, sapatonas e outras formas identificação. Não por acaso, são pessoas com essas identidades que desempenham um papel significativo na produção desta cena (COLLING, 2019).

A combinação desses cinco aspectos, possibilitou o surgimento de outra cena artística no país. Essa cena possui raízes na história das artes cênicas brasileiras, como exemplificado pelo teatro de Dzi Croquettes, Vivencial Diversiones, Teatro Oficina e Os Satyros, que traz consigo elementos inovadores. De toda forma, fica claro que, na última década, houve um florescimento dessas produções artistas das dissidências em diversas regiões do Brasil e em múltiplas formas de expressão artística, criadas por uma multidão<sup>2</sup> de pessoas com consciência do caráter político e ativista de suas obras.

Essas produções artísticas evidenciam tanto as sexualidades e os gêneros dissidentes, bem como outros marcadores sociais, como raça, classe e padrões corporais, quanto suas intenções e lutas políticas por uma sociedade que valorize e aprenda com a diversidade. As produções artísticas operam com ativismo e arte de maneira inseparável. Acreditamos que a

---

<sup>2</sup> Utilizado aqui multidão no sentido de Paul B. Preciado (2011).

chave de leitura do ativismo, já presente antes dessas novas produções, pode ser acionada e aprimorada. Nesse sentido, defendemos que o ativismo não se trata de uma identidade a ser atribuída a artistas ou obras, mas sim de uma abordagem analítica que emerge a partir da própria análise das obras em que a dimensão artística e ativista se encontram entrelaçadas, interligadas e indissociáveis.

Conforme apontado por Rose de Melo Rocha (2021, p. 18), em suas reflexões sobre ativismo diz que, “mais do que uma imbricação, configura-se uma iniciativa de reflexão e de ação cujos princípios norteadores são da não separação. [...] Trata-se de defender uma junção irrevogável entre arte e política, na proposição de não separar os dois polos”.

Após elucidar a origem dessa cena, direcionamos nossa atenção para sua expressão artística, explorando as linguagens empregadas, sua conexão com a arte contemporânea e a forma como os artistas estão concebendo suas obras. Uma característica notável é a forte afinidade das produções artísticas dessa cena com as perspectivas queer e o que é conhecido como arte contemporânea: 1) A crítica ao binarismo de gênero, amplamente presente nos estudos queer, é habilmente manifestada nas letras de canções, dramaturgias, performances e performatividades de gênero dos artistas, ressaltando a sinergia entre a mistura de linguagens artísticas e um elemento fundamental da arte contemporânea; 2) O propósito dessas criações é provocar estranhamento e mobilizar o público, ou seja, a intenção é produzir arte que questione os padrões e normas, sejam elas relacionadas a gênero e sexualidade ou ao próprio “cis-tema de arte” (SOUSA, 2022). A abordagem não visa aderir a uma representação considerada respeitável no contexto cisheteronormativo (VERGUEIRO, 2018).

## Poética queer

Podemos concluir então, que essa cena nos apresenta uma poética queer? Ao considerarmos a literatura, o pesquisador Anselmo Peres Alós (2010) realizou reflexões pertinentes no texto *Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer*, discutindo as mudanças na noção de poética ao longo do tempo e apresentando sua concepção de uma poética queer. Dentro do campo da teoria literária, Alós expõe que

[...] a noção de poética tem pelo menos duas acepções: uma de natureza normativa, outra de natureza descritiva. Historicamente, a primeira noção de poética está associada a modelos normativos do fazer literário. Basta pensar nas poéticas de Aristóteles e Boileau, por exemplo, as quais normatizavam, através de um conjunto de regras, o fazer literário. Após a ruptura provocada pelo formalismo russo e pelo estruturalismo francês, o termo 'poética' foi

aplicado não a estudos de ordem 'normativa', mas a estudos de ordem 'descritiva'. Assim como a linguística estrutural buscou a descrição do funcionamento da língua, a poética estrutural buscou descrever o funcionamento da literatura, particularmente dos textos narrativos. [...] Com a derrocada do mito de uma estrutura universal sobre o qual o pensamento estruturalista estava assentado, o termo poética perdeu sua pretensão universalista e ganhou uma nova conotação. Ao invés de buscar as 'constantes universais' que definiriam o romance, o conto, a poesia ou o teatro, o termo passa a ser utilizado em contextos mais específicos, dando conta de questões mais ou menos abrangentes, sem, no entanto, ambicionar a universalização dessas recorrências (ALÓS, 2010, p. 842).

Ao discorrer sobre uma poética queer, o autor enfatiza que devemos considerar uma poética que transcenda os domínios de uma abordagem puramente autoral. “Os fundamentos de uma poética *queer*, nesse sentido, não estão apenas a serviço de uma descrição das narrativas; eles também possibilitam uma acurada análise de como o texto reflete, subverte e questiona a realidade do mundo social no qual está inserido” (ALÓS, 2010, p. 843). Ao seguir os conceitos de Anselmo Alós (2010) sobre o que constituiria uma “poética queer” - ou seja, pensar como as expressões artísticas das dissidências têm refletido, subvertido e questionado nossa realidade - percebemos que a expressão não é suficiente para abranger toda a complexidade dessa cena artística. Isso ocorre não apenas devido à existência de múltiplas poéticas, conforme destacado por Alós (2010), que defende a não adoção de objetivos universalizantes ao abordar uma poética, mas também porque os artistas dessa cena já se encontram em uma fase que poderíamos chamar de pós-queer.

Mas o que seria o pós-queer? Se o movimento queer inicialmente produziu importantes intersecções entre sexo, gênero e sexualidade, o pós-queer, no Brasil, têm produzido uma ampliação da interseccionalidade que talvez ainda não compreendamos totalmente: ele engloba a intersecção entre sexo, gênero, sexualidade, raça e identidades étnico-raciais, entre outros marcadores sociais. Esse desenvolvimento se deve, em parte, à influência e vigor do feminismo negro em nosso país, e à proliferação de seus ativismos e estudos tanto dentro como fora das universidades. Portanto, a expressão mais apropriada para descrever essa cena artística é “cena artista das dissidências sexuais, raciais e de gênero”. Essa escolha não se baseia somente no fato de que grande parte dessa cena é produzida por pessoas negras e pardas, mas também porque as dimensões raciais, presentes nas obras, estão intrinsecamente ligadas às dimensões sexuais e de gênero.

## Resistências

Como as pessoas artistas LGBTQIA+ negras estão questionando os preconceitos relacionados à sexualidade, gênero e raça? Evidentemente, isso tem sido feito de formas muito diversas. Inicialmente, foi proposto uma reflexão sobre o termo denominado “resistência com alegria” (COLLING, 2022, p. 21). Detectamos como a ideia de resistência é acionada e elaborada pelos próprios artistas. Vejamos alguns exemplos: “Eu sou / A voz da resistência preta”, cantou WD no dia 26 de outubro de 2021, nas audições às cegas do programa *The voice Brasil*, da Rede Globo<sup>3</sup>. Sua atuação encantou os jurados que prontamente se voltaram para ouvir o intérprete. A letra da música narra a história de um menino que enfrentou abusos durante a infância, foi estigmatizado por conta de sua voz e cor, abandonado pelos pais e criado pelos avós, nutrindo uma admiração desmedida pelos brancos. O refrão<sup>4</sup> traz a mensagem poderosa “Tudo começou dar certo quando eu aprendi me amar”. Através dessa letra, WD denuncia o racismo e, simultaneamente, sua performance no palco evidencia sua disposição em questionar as normas sociais relacionadas a gênero e sexualidade. Essa postura torna-se ainda mais clara no lançamento posterior do clipe oficial da mesma canção, onde desde a abertura é destacado que o Brasil é o país que mais mata pessoas LGBTQIA+ no mundo.

Em janeiro de 2022, a Rede Globo tomou a decisão de incluir a cantora Linn da Quebrada como uma das participantes do programa *Big Brother Brasil*. Anteriormente, em 2017, Linn e outros integrantes do grupo *As Bahia* e a *Cozinha Mineira* estrelaram uma campanha publicitária da vodca *Absolut*, com o slogan *A arte resiste*, que contou com um clipe e um imenso mural em um prédio localizado no Centro de São Paulo<sup>5</sup>. Linn já se autodefiniu como bixa preta, bixa travesty<sup>6</sup> e, no *BBB*, se apresentou como travesti. Na canção *Corpo sem juízo*, em parceria com *Jup do Bairro* (2019), Linn aciona seu corpo como um espaço de resistência e expressa: “É como estar diante da morte e permanecer imortal/ É como lançar à própria sorte e não ter direito igual/ Mas eu resisto, eu insisto, eu existo/ Não quero o controle de todo esse corpo sem juízo”<sup>7</sup>.

<sup>3</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9985057/>. Acesso em: 6 de fev. 2022.

<sup>4</sup> Disponível em: <https://globoplay.globo.com/v/9985057/>. Acesso em: 6 de fev. 2022.

<sup>5</sup> Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/04/vodca-faz-anuncio-artistico-em-defesa-da-diversidade.shtml> e [https://www.youtube.com/watch?v=uunq-c97qexU&feature=emb\\_title](https://www.youtube.com/watch?v=uunq-c97qexU&feature=emb_title). Acesso em: 5 fev. 2021.

<sup>6</sup> Referência à música *Bixa Travesty* e ao filme homônimo de Linn da Quebrada.

<sup>7</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=6il3RIZSlgM>. Acesso em: 09 fev. 2022.

Em abril de 2021, o Corre Coletivo Cênico, de Salvador, disponibilizou em seu canal no *Youtube* a série *Para-iso*, composta por oito episódios<sup>8</sup>. A história gira em torno de um grupo de bixas negras que se reúne durante a pandemia de Covid-19, após a morte de uma delas em decorrência do HIV-Aids. As personagens Leka, Tito, Miguel, Rogério e Paul, interpretadas por Anderson Dantas, Igor Nascimento, Luiz Antônio Sena Jr, Marcus Lobo e Rafael Brito, respectivamente, se encontravam em uma casa, descrita como uma espécie de *cuierlombo* (NASCIMENTO, 2018), onde a bixa falecida morava e acolhia as demais.

Em uma das cenas mais comoventes do espetáculo, as personagens observavam pela janela de um casarão localizado no bairro do Comércio, em Salvador, ao lado de outros prédios semiabandonados, algumas plantas que cresciam teimosamente nas rachaduras dos antigos casarões. Nesse momento, os indivíduos fizeram uma conexão entre a imagem dessas plantas e a ideia de resistência. Através desse simbolismo, as vegetações, ao crescerem em lugares difíceis e abandonados, demonstram sua capacidade de resistir às adversidades. Diante disso, a personagem Leka expressou para suas amigas “Nós somos como aquelas plantas, a gente é resistência”.

Após apreciar como a ideia de resistência é abordada em várias obras artísticas, retornamos as reflexões feitas por Michel Foucault, Espinosa e Paul B. Preciado<sup>9</sup> sobre esse tema. Além disso, foi buscado referências em diversas autorias negras que enfatizam como a resistência, muitas vezes manifestada de maneira sutil, caracteriza a própria história do povo negro (conforme exemplificado em BONA, 2020). Para discutirmos sobre alegria, precisamos analisar o livro *Pensar nagô*, de Muniz Sodré (2017), que destaca que para os nagôs a alegria não é apenas um afeto passageiro, mas sim uma forma de encarar e conduzir a vida. Sugerindo assim, que a celebração e a alegria presentes na cultura nagô se (re)conectam com a própria história de formação de identidades LGBTQIA+ e com a conquista de maior visibilidade<sup>10</sup>. Essa perspectiva instiga à seguinte reflexão: será que a tristeza é um afeto vinculado à branquitude e à heteronormatividade?

<sup>8</sup> Os episódios não estão mais disponíveis, mas o perfil é: [https://www.youtube.com/channel/UCxhaYE9UEZTTlqaLVK3\\_7Hg](https://www.youtube.com/channel/UCxhaYE9UEZTTlqaLVK3_7Hg). Acesso em: 15 jan. 2022.

<sup>9</sup> Essas ideias e autores estão desenvolvidas em Colling (2022).

<sup>10</sup> Apesar de a história oficial de criação do movimento gay ter como mito fundador a Revolta de Stonewall, provocada também pelo direito a se encontrar e festejar, a historiografia e demais estudos sobre as políticas para o respeito à diversidade sexual e de gênero parecem apostar apenas nos afetos tristes e nos problemas pelos quais passam a comunidade LGBT. Penso que é vital recuperarmos a alegria como constituinte de nossas identidades, tanto na militância como nos estudos. Sobre isso, ler *Militancia alegre. Tejer resistencias, florecer en tiempos tóxicos*, de Carla Bergman y Nick Montgomery (2023).

## Teatro negro, bixa e macumbeiro

A questão mencionada anteriormente ficará em aberto, embora ela consiga promover um diálogo crítico com produções mais recentes, provenientes de perspectivas queer antissociais e do afropessimismo. Serão apresentados alguns elementos da indissociabilidade entre sexo, gênero, sexualidade e raça dissidentes, que estão presentes em recentes peças de teatro montadas e exibidas em Salvador. Por meio de pesquisas<sup>11</sup>, foi evidenciado que o Teatro Negro soteropolitano tem gradualmente explorado temas além do racismo, diferenciando-se, assim, das primeiras peças do Teatro Experimental do Negro (TEN). Em Salvador, o Bando de Teatro Olodum, herdeiro do TEN, expandiu suas discussões para além da raça, abordando também, por exemplo, o empoderamento das mulheres negras e, em algumas peças, incluiu personagens trans, como ocorreu no espetáculo *Cabaré da rrrrrraça*, de 1997.

Ao traçarmos uma breve genealogia sobre o novo teatro negro da Bahia, identificamos como as produções do Teatro da Queda radicalizaram a proposta ao colocar no centro do palco as dissidências sexuais, raciais e de gênero. Um exemplo desse movimento foi o espetáculo *Rebola*, escrito por Daniel Arcades e dirigido por Thiago Romero, que retrata a história do Beco dos Artistas a partir da tristeza do proprietário do bar Xampoo em ter que encerrar suas atividades, bem como a luta das *drags*, muitas delas negras, para preservar o espaço em que trabalham. A peça tratou da experiência individual de cada *drag*, com os roteiros sendo elaborados a partir das experiências dos atores e atrizes. A estreia ocorreu em 8 de junho de 2016, no próprio Beco dos Artistas, em Salvador.

Dentre as diversas personagens da peça, destacava-se Koanza, interpretada pelo ator baiano, negro, Sulivã Bispo. Koanza, uma *drag* preta afrocentrada<sup>12</sup>, era uma das personagens negras que se sobressaía na peça por ser seguidora do Candomblé e por dialogar, em vários momentos do espetáculo, com outra personagem evangélica que expressava sua intolerância religiosa. Sulivã descreveu Koanza como uma personagem criada com base em diversas referências de mulheres negras (JESUS, 2019).

De forma concomitante, membros do Teatro da Queda também participaram de diversas produções realizadas pelo Núcleo Afro-brasileiro de Teatro de Alagoinhas (NATA), reconhecido por levar aos palcos narrativas inspiradas nas mitologias dos orixás. Sob a direção

<sup>11</sup> Me refiro aqui a trabalhos que desenvolvi especialmente com o pesquisador Deivide Souza de Jesus (ver COLLING; JESUS, no prelo). Parte das reflexões a seguir estão discutidas nesse texto.

<sup>12</sup> Para conhecer mais o ator, cf. <https://www.revistafraude.ufba.br/materia.php?revista=15&matéria=18>. Acesso em: 15 jan. 2022.

de Fernanda Júlia Barbosa (Onisajé), o NATA tem se dedicado à pesquisa do Teatro Negro e suas conexões com os cultos afro-brasileiros desde 1998.

Um exemplo disso é a peça *Exu, a boca do universo*, por exemplo, escrita por Daniel Arcades e Fernanda Júlia Barbosa, que estreou em março de 2014, no Vão Livre do Teatro Castro Alves. Nesse espetáculo, o cenário e figurinos evocavam a imagem de um amplo assentamento de vários Exus. Em contraste com a famosa peça *Sortilégio*, montada pelo TEN de Abdias Nascimento, onde o público não tinha acesso aos assentamentos dos orixás, esses assentamentos eram expostos com quartinhas, bebidas, alguidares, farofa, entre outros elementos. Os atabaques estavam posicionados em um dos lados do palco e eram tocados durante a trilha sonora do espetáculo, que contava com várias canções, muitas delas em yoruba. O público, ao menos durante a encenação no Vão do Teatro Castro Alves, permanecia ao redor do palco.

Os cinco artistas envolvidos na peça (Daniel Arcades, Thiago Romero, Fernando Santana, Marcelo Oliveira e Fabíola Julia) transitavam constantemente ao redor do assentamento, realizando uma espécie de xirê, e focalizavam sua atenção em um Exu que representa a vida, apaixonando-se por Oxum, experimentando desejos sexuais, bebendo e fumando. Em um determinado momento, a atriz explica que, se perguntarem quem é Exu, devemos olhar para o lado e para dentro de nossos próprios corpos.

Thiago Romero, após interpretar um Exu no espetáculo homônimo do NATA em 2014, presenteou-nos novamente em 2022 com outra versão parcialmente inspirada no mesmo orixá. Em *Dengo: uma carta ao amor preto*, Romero assume o papel da *afrodrag* Barbárie Bundi, com a direção de Daniel Arcades. A personagem Barbárie Bundi fez sua primeira aparição em junho de 2021, lançando o álbum *Aquátika*, estreou em 14 de julho de 2022, durante o Palco Giratório de 2022, no canal do Sesc Bahia, que a descreveu como: “A palavra dengo, de origem banta, é um pedido de aconchego no outro em meio ao duro cotidiano. Esse aconchego perpassa pelas diversas noções da palavra amor. Em seu novo solo, a *afrodrag* Barbárie Bundi, criada pelo multiartista Thiago Romero, mergulha na construção da afetividade negra, principalmente na afetividade LGBTQIAPN+ preta.”<sup>13</sup>

*Dengo* é um espetáculo de difícil definição, uma espécie de álbum visual que mescla vários clipes com canções interpretadas pela artista, conectados por textos que, ao final, narram uma história. Grande parte das imagens foram gravadas na Feira de São Joaquim, onde Bundi

<sup>13</sup> Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=u6BJrWc6aM>. Acesso em: 10 dez. 2022.

(e Exu) vai beber, conversar com as pessoas e adquirir os utensílios para realizar o seu Candomblé. Em uma das cenas, ela segura um bode nos corredores da feira (figura 1).

Figura 1



Fonte: Captura de tela do teaser do espetáculo *Dengo: carta ao amor preto*<sup>14</sup>.

Essa é uma imagem emblemática para o argumento que iremos apresentar aqui: é nela que a bixa preta macumbeira e *afrodrag dá o seu nome*<sup>15</sup> no Teatro Negro da Bahia. Por esse motivo, defende-se a importância da existência de um teatro negro, bixa e macumbeiro na cidade de Salvador. A *afrodrag* Barbárie Bundi criou uma imagem simbólica que demonstra a indissociabilidade entre sexo, gênero, sexualidade, raça e candomblé no contexto do novo teatro negro da Bahia.

Essa indissociabilidade não se limita apenas às artes, mas também se faz presente em diversos campos de produção do conhecimento no Brasil. Se em algum momento as questões de sexo/sexualidade e gênero estiveram distantes e se aproximaram através dos estudos queer, assim como as questões de sexo/sexualidade/gênero e raça estiveram afastadas, atualmente observamos uma forte intersecção entre essas várias dimensões, tanto no âmbito artístico quanto fora dele. Isso nos leva a concluir que os estudos queer já não são os mesmos, assim como os

<sup>14</sup> Disponível em: [https://www.youtube.com/watch?v=\\_QjGHeWQl0g](https://www.youtube.com/watch?v=_QjGHeWQl0g). Acesso em: 20 nov.2022

<sup>15</sup> *Dar o nome* é uma expressão muito utilizada pelas bixas macumbeiras de Salvador e remete ao momento em que o orixá, na festa da iniciação do yaô no Candomblé, em determinado momento diz o seu nome ao público presente no barracão do terreiro. É o ápice da cerimônia, quando, em geral, todos os orixás presentes se manifestam.

estudos étnico-raciais também evoluíram. Portanto, esses elementos são apenas alguns dos fundamentais para refletirmos sobre as poéticas queer/cuir e pretas no Brasil contemporâneo.

## REFERÊNCIAS

ALÓS, A. P. Narrativas da sexualidade: pressupostos para uma poética queer. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 18, n. 3, p. 837-864, set./dez. 2010. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/qct6T7rqY7HDJyXkZwBhJdp/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 2 dez. 2022.

BERGMAN, C.; MONTGOMERY, N. **Militancia alegre**. Tejer resistencias, florecer en tiempos tóxicos. Madrid: Tumba la casa ediciones/Traficantes de Sueños, 2023. Disponível em: [https://traficantes.net/sites/default/files/pdfs/UTIL29\\_Militancia\\_alegre\\_web.pdf](https://traficantes.net/sites/default/files/pdfs/UTIL29_Militancia_alegre_web.pdf). Acesso em: 24 jan. 2023.

BONA, D. T. **Cosmopoéticas do refúgio**. Florianópolis, SC: Cultura e Barbárie, 2020.

COLLING, L. A emergência e algumas características da cena ativista das dissidências sexuais e de gênero no Brasil da atualidade. In: COLLING, L. (org.). **Artivismos das dissidências sexuais e de gênero**. Salvador: EDUFBA, 2019.

COLLING, L.; JESUS, D. S. **Um teatro negro, bixa e macumbeiro**. No prelo.

COLLING, L. A arte da resistência. In: COLLING, L. **Arte da resistência**. Salvador: Devires, 2022, p. 9-28.

JESUS, D. S. **Artivismos das dissidências**: colaborações interseccionais baianas ao teatro negro. 2019. 99 f. Dissertação (Mestrado em Cultura e Sociedade) – Instituto de Humanidades, Artes e Ciências Professor Milton Santos, Universidade Federal da Bahia, Salvador, BA, 2019.

NASCIMENTO, T. Da palavra queerlombo ao cuierlombo da palavra. **Palavra preta!**, 2018. Disponível em: <https://palavrapreta.wordpress.com/2018/03/12/cuierlombismo/>. Acesso em: 15 ago. 2022.

PRECIADO, P. B. Multidões queer: notas para uma política dos anormais. **Revista Estudos Feministas**, v. 19, n. 1, p. 11-20, abr. 2011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ref/a/yvLQcj4mxkL9kr9RMhxHdwk/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 12 out. 2023.

ROCHA, R. M. Artivismos musicais de gênero e suas interfaces comunicacionais. In: ROCHA, R. M. (org.). **Artivismos musicais de gênero**: bandivas, travestis, gays, drags, não-binárias. Salvador: Devires, 2021.

SODRÉ, M. **Pensar nagô**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2017.

SOUSA, C. G. Artes pornosexualigráficas: o romper anti-higiênico com o cis-tema de arte. Texto gozado de uma dissertação-manifesto. *In*: COLLING, L. (org.). **Arte da resistência**. Salvador: Devires, 2022.

VERGUEIRO, V. **Sou travestis**: estudando a cisgeneridade como uma possibilidade decolonial. Brasília, DF: Padê editorial, 2018.

### ***CRediT Author Statement***

---

**Reconhecimentos:** Não aplicável.

**Financiamento:** Não aplicável.

**Conflitos de interesse:** Não há conflitos de interesse.

**Aprovação ética:** Não aplicável.

**Disponibilidade de dados e material:** Não aplicável.

**Contribuições dos autores:** Leandro Colling foi responsável pela pesquisa, análise e redação do artigo.

---

**Processamento e editoração: Editora Ibero-Americana de Educação.**

Revisão, formatação, normalização e tradução.

